

Construção de sentidos e identidade feminina na pós-modernidade: o que dizem as tiras da Mafalda*

Jéssika Aline Lima Paulino**
Linduarte Pereira Rodrigues***

Resumo

Este artigo visa a divulgar um estudo realizado no âmbito das abordagens teóricas da Análise do Discurso de linha francesa, tendo como aporte teórico Bakhtin/Voloshinov (1992), Brandão (2004), Fernandes (2008), Foucault (1993/2005), dentre outros. Trata-se de um estudo que permite analisar algumas tiras da personagem Mafalda, de Quino, visando a compreender como se dá a construção de sentidos e da identidade feminina nesse gênero do discurso, portador de uma linguagem crítica e criativa, que resulta das inúmeras marcas linguísticas de sentido identificadas em sua leitura, as quais são importantes para a compreensão entre os sujeitos envolvidos no contexto de atuação desse gênero.

Palavras-chave

Tiras da Mafalda; identidade feminina; Análise do Discurso.

Abstract

This article aims to promote a study based on French theoretical approaches of Discourse Analysis, having as theoretical: Bakhtin/Voloshinov (1992); Brandão (2004), Fernandes (2008), Foucault (1993/2006) etc. It is a study that allowed us to analyze some Mafalda's comic strips by Quino, aiming to understand how is the construction of meanings and the female identity in this genre. This genre is holder of a critical and creative language resulting from numerous linguistic brands identified during reading. They are important for understanding among those involved in the context of this kind of activity.

Keywords

Mafalda's comic strips; female identity; Discourse Analysis.

* Recebido em 14 de abril de 2013 e aprovado em julho de 2013.

** Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I – Campina Grande-PB. Integra o Grupo de Pesquisa “Linguagem, interação, gêneros textuais e ou discursivos”.

*** Doutor em Linguística pela UFP – João Pessoa-PB. Professor titular no Departamento de Letras e Artes e no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB – Campus I – Campina Grande-PB. Integra os grupo de Pesquisa: “Linguagem, interação, gêneros textuais e ou discursivos”; “Estudos em letramento, interação e trabalho”; “Memória e imaginário das vozes e escrituras”.

1. Introdução

Com o surgimento das histórias em quadrinhos, marcado por acontecimentos sócio-históricos e culturais, no século XX, Quino, o produtor das histórias da Mafalda, construiu críticas acerca de problemas sociais, incentivando o leitor a formar opiniões sobre diversos temas, tais como o papel da mulher na sociedade, a pobreza, a política, a dominação dos EUA, o descaso com a qualidade da educação, entre outros. No período em que essas tiras foram publicadas, aconteceu uma série de conflitos sociais pelo direito à igualdade e, em meio a esses manifestos, as mulheres sofriam por ainda serem vistas como submissas ao homem, dedicando-se às funções de doméstica, mãe e esposa.

Foi em meio a tais acontecimentos que surgiu a personagem Mafalda, representando uma nova voz feminina e construindo um discurso para uma nova identidade feminina, o qual contrapunha-se a muitos outros, entre eles, ao representado por sua mãe e por sua amiga Susanita, que se encontram distantes dos pensamentos críticos sobre o mundo e se submetem ao machismo, ao capitalismo e às questões de estética do corpo. Diante disso, a construção de sentidos e da identidade feminina é (re)produzida por Quino através de críticas sociais que causam no leitor o efeito risível.

Nesse estudo, buscamos demonstrar que a construção de sentidos nas tiras se dá através de estratégias discursivas que produzem diferentes efeitos de objetividade e subjetividade. No que diz respeito à construção da identidade feminina, vimos que há um confronto ideológico entre as personagens, enquanto representação de sujeitos sociais.

A partir do nosso objetivo principal, de compreender e discutir como se dá a construção de sentidos e identidade feminina nas tiras da Mafalda, empreendemos uma análise em prol de: a) reconhecer o contexto sócio-histórico e cultural representado nas tiras da Mafalda; b) expor algumas críticas sociais presentes nas tiras da Mafalda: a submissão feminina ao machismo, à política e às questões de estética; c) reconhecer os recursos linguísticos e extralinguísticos responsáveis pela construção dos sentidos nos textos; e, por fim, d) retratar as identidades femininas e entender como elas são construídas nas tiras examinadas.

Coletou-se, nas páginas da Web, um conjunto de tiras da Mafalda, as quais compõem o *corpus* de nossa pesquisa e das quais selecionamos duas para a demonstração, neste artigo, dos sentidos arranjados nos discursos analisados. Para tanto, tomou-se por apoio a Análise do Discurso de linha francesa praticada no Brasil e demais

teorias do sentido (estudos semântico-pragmáticos), buscando aplicar os conceitos de sujeito, identidade, ideologia etc. pautados nos aportes teóricos de Michel Foucault (1993; 2005), Michel Pêcheux (1995), Mikhail Bakhtin/Voloshinov/Medvedev (1992; 2003), entre outros.

A iniciativa desse trabalho se deu pela necessidade de discutirmos e compreendermos o tema proposto, uma vez que o discurso presente no gênero discursivo *tira*, sobretudo nas tiras da Mafalda, mostra-nos um vasto campo de investigação. Dele, podemos extrair uma pesquisa sobre os discursos existentes nos enunciados das personagens de Quino, mais especificamente os que dizem respeito à construção da identidade feminina.

O interesse pela análise das tiras produzidas por Quino como *corpus* de nossa pesquisa, deu-se pelo fato de que os discursos existentes nas tiras da Mafalda perpassam gerações e continuam exercendo suas funções coercitivas na sociedade pós-moderna. A presente análise revelou que os discursos das tiras de Quino atuam no leitor do texto de forma a impor reflexões sobre os valores de uma classe dominante, que, na época da produção das tiras e na sociedade pós-moderna, contribuíram para uma tomada de consciência por parte dos indivíduos enquanto sujeitos do discurso, conscientes e inconscientes, mas modelados por formações discursivas que impõem identidades, modos de pensar e tomadas de ação, que atualizam já-ditos, bem como novas formas de conduta social.

2. Breve conceito de discurso

A produção do discurso se realiza na história por meio da linguagem, pela qual a ideologia se materializa. A Análise do Discurso (AD), considerando o discurso como objeto de estudo que é encontrado no social e envolve questões não somente linguísticas, entende que discurso é como uma prática do sujeito sobre o mundo, que constrói uma vontade de verdade. Ou seja, são aspectos ideológicos e sociais contidos nas palavras quando pronunciadas.

Entre muitos autores que adentram o mundo do discurso, destaca-se Foucault (2005, p. 135), que define discurso como “[...] um conjunto de enunciados na medida em que se apoia na mesma formação discursiva”. Ele define essa formação discursiva como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram uma determinada época, para uma área social, econômica,

geográfica ou linguística, dadas as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2005, p. 153). No entanto, uma formação discursiva não se limita a uma época, pois resulta em elementos existentes em outros espaços sociais e momentos históricos. Como consequência disso, ocorrem outros efeitos de sentido.

A formação discursiva, com base na heterogeneidade do discurso, é construída por outras formações discursivas, que resultam da interação da análise linguística e discursiva. O conceito de formação discursiva desencadeia o processo de transformação do discurso em objeto de estudo da AD. Para Roberto da Matta (2006, p. 17), as formações discursivas, por sua vez, “[...] são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas”. O autor destaca, ainda, a relação entre língua e ideologia que se encontra no discurso, em que a língua produz sentidos pelos/para os sujeitos.

É possível encontrar outro postulado sobre discurso em Brandão (2004, p. 46), que encara o discurso sob a perspectiva do ideológico quando diz que ele é “[...] uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da existência material das ideologias”. Sobre esse aspecto, Brandão afirma que:

O discurso é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica, tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas. São as formações discursivas, que em uma formação ideológica específica e levando em conta, uma relação de classes, determinam ‘o que pode e deve ser dito’ a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada (2004, p. 47-48).

Há uma concepção linguística que considera o discurso enquanto um encadeamento de palavras ou frases em determinada ordem que comunica ou significa. Por outro lado, partilhamos de uma perspectiva teórica que vê na produção linguística um entrecruzamento de discursos e, nesses discursos, a coexistência de diversas vozes. A produção de um discurso sofre influências de outros, em que há uma multiplicidade de significações e pontos de vista. Sendo assim, um discurso é a interação de sujeitos que compartilham seus ideais e contrapõem-se a outros discursos.

A AD investiga como é possível recuperar a estrutura, a ideologia e a história para construir a unidade de um texto. Assim, o texto é a materialidade do discurso e este provoca a construção de sentidos, a qual os sujeitos buscam na memória social. Sendo assim, mais do que transmissão de informação, o texto é um processo em que os sujeitos constituem-se e produzem sentidos através de discursos.

Seguindo a ideia de materialidade do discurso, Fernandes, em seus postulados, afirma que

A começar pela busca de um espaço na Linguística, discurso não é a língua e nem a fala, mas, como uma exterioridade, implica-as para a sua existência material; realiza-se, então por meio de uma materialidade linguística (verbal e/ou não verbal), cuja possibilidade firma-se em um, ou vários sistemas (linguístico e/ou semióticos) estruturalmente elaborados (2008, p. 23).

Em Foucault (1993), a construção ideológica é sintetizada enquanto uma relação entre verdade e poder e, assim, todos os discursos podem ser vistos funcionando como regimes de verdade. Foucault afirma que:

Cada Sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir entre sentenças verdadeiras e falsas, os meios pelos quais cada um deles é sancionado; as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro (1993, p. 131).

Diante do exposto, é possível compreender que o discurso é uma atividade complexa e que o texto ou mesmo a palavra podem apresentar vários sentidos, o que permite considerar os mais variados aspectos na cadeia da significação, partindo do semântico para o discursivo, em prol da compreensão da finalidade dos sentidos no dizer.

3. O sujeito do discurso

O sujeito do discurso, até então descartado pelo estruturalismo, uma vez que é subordinado ao código linguístico, é visto pelos estudos pragmáticos como o indivíduo enunciador e consciente. Na AD de linha francesa, passa a ser concretizada a relação sujeito-ideologia, encontrada em dois lugares: uma parte na psicanálise, em que o sujeito é visto como descentrado, distante do sujeito consciente; e outra no materialismo histórico, na ideologia de Althusser, sendo o materialismo constituído pela linguagem material e repleto pela ideologia.

Para tanto, Paul Henry (1992, p. 188) explica que “o sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente, e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”. Ou seja, o sujeito discursivo coloca-se, estrategicamente, entre sujeito da ideologia e o sujeito da psicanálise, ambos constituídos materialmente pela linguagem.

Baseando-se nos estudos da AD, Fernandes (2008, p. 24) afirma que “a voz desse sujeito revela o lugar social, logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social”. Assim, o sujeito assume um papel histórico-social, uma vez que está centralizado no mundo que o cerca e sempre será apreendido num espaço coletivo. Ou seja, o sujeito, na AD, não é entendido como um ser humano individualizado, mas um ser social compreendido em um espaço coletivo. Sendo assim, o sujeito é constituído por diversas vozes sociais e não representa apenas um momento em particular, mas é constituído por uma série de eventos discursivos. Entre as muitas estratégias sociais de controlar a maneira de ser do indivíduo, a família é de suma importância para formar o sujeito e moldá-lo ao seu discurso.

A constituição do sujeito discursivo é marcada por uma heterogeneidade que decorre de sua interação social, ocupando diversas posições no texto. Um indivíduo que tem a possibilidade de assumir o papel de diferentes sujeitos é, de fato, um “eu” pluralizado, pois se constitui na interação verbal. Sobre a multiplicidade do sujeito, Orlandi (1988, p. 11) explicita que ele “é múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, porque representa vários papéis”.

A condição de sujeito é entendida como um jogo de relações. Essa condição passa por inúmeras transformações em diversos tipos de enunciação e influencia na ocupação de diversos indivíduos em diferentes lugares ou no mesmo lugar. Os sujeitos, marcados por suas ideologias, entrecruzam-se com discursos de outros sujeitos, dos quais se diferenciam.

Numa comunicação entre textos e discursos produzidos em sociedade, podemos encontrar múltiplos sujeitos que incluem seus discursos em outros, constituindo a polifonia através da linguagem. De maneira interativa, o sujeito é um construtor social, ou seja, o indivíduo interage com o outro, dando-lhe a oportunidade de expor suas visões de mundo. Dentro do discurso, as estratégias discursivas se confrontam de diversas maneiras: os textos se misturam em vozes, cores e informações, que produzem diferentes efeitos de objetividade e subjetividade. Desse modo, o sujeito revela, a cada discurso, características de sua subjetividade e, portanto, de sua identidade, e é o sujeito do discurso que tem a capacidade de criar sentidos, dar significado às coisas: ele é dominado pela formação discursiva na qual seu discurso está inserido.

Nessa perspectiva, com base na visão da AD, a noção de sujeito não se dissocia da de ideologia, pois o sujeito aqui referido não é um ser individualizado, mas coletivo e socializado.

4. Ideologia

A ideologia existe em todos os ambientes sociais, seja no meio familiar, escolar ou profissional, em que os sujeitos são orientados a enquadrar-se nos mesmos princípios. Na intenção de produzir evidências, a ideologia coloca o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Como um conjunto de ideias e pensamentos de um sujeito ou de um grupo de indivíduos, a ideologia pode, assim, estar ligada às ações políticas, econômicas e sociais.

Em seu sentido literal, segundo o conceito encontrado no dicionário de Luft (2001, p. 374), ideologia é o “tratado ou ciência da formação das ideias”; ou o “conjunto de ideias, crenças, convicções que orientam as ações”. No entanto, há uma grande divergência no que diz respeito ao conceito de ideologia entre os pensadores, uma vez que existe uma série de contradições, arbitrariedades e equívocos para se encontrar uma única definição para tal conceito.

Muitos teóricos fizeram colocações a respeito da ideologia; no entanto, essa terminologia é, ainda hoje, uma noção confusa para se abordar, tendo em vista a dificuldade de encontrar um único conceito que defina ideologia nas ciências sociais. De todo modo, o conceito de ideologia que prevaleceu refere-se à tradição marxista e é relativo ao critério de verdadeiro e falso.

Entre os estudiosos que conceituaram ideologia, Karl Marx retomou o conceito inventado por Destutt de Tracy, que define ideologia como o estudo científico das ideias, que são resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza. Chauí (1981) expõe que o termo “ideologia” foi criado na obra *Elements de idéologie*, pelo filósofo Destutt de Tracy, no ano de 1801, e que surgiu com o intuito de analisar o ato de pensar, colocando as ideias como resultado da relação entre natureza e organismo vivo.

No início do século XIX, Marx, no livro “*A ideologia alemã*”, conceitua a ideologia sob um sentido negativo, visto que consiste em partir das ideias para se chegar à realidade. Ou seja, trata-se de uma concepção idealista, a qual geraria a inversão da realidade, em que as ideias passam a ser mecanismos da vida real, pensamento

deformado da realidade, visando aos interesses da classe dominante. Marx & Engels explicitam as ideias dessa classe, visto que

Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de época histórica, é evidente que os façam em toda a sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de ideias de seu tempo e que suas ideias sejam, por isso mesmo, as ideias dominantes da época (1965, p. 14).

Nessa perspectiva, verifica-se que prevalece como instrumento de dominação a ideologia da classe burguesa, uma vez que ela impõe seus pensamentos como ideal de todos.

Vários outros pensadores também abordaram a temática da ideologia. Seguindo os preceitos marxistas, Althusser (1970) explica que ideologia, enquanto prática da classe dominante, é o jogo de poder estruturado pelas instituições, subdivididas pelo pensador em dois grandes grupos: Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), que são a igreja, a escola, a família, a justiça, a política; e Aparelhos Repressores do Estado (ARE), que são o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc. Para manterem essa dominação, os Aparelhos do Estado fazem uso de mecanismos de exploração no sentido material, ideológico e político. Entre esses aparelhos, a família, a igreja e a escola são as instituições mais poderosas que a sociedade utiliza para manipular o indivíduo através do Estado.

A título de exemplo, as tiras da Mafalda, de Quino, comportam grande carga ideológica, impostas em valores que influenciam a crença e o poder da classe dominante postulada em Marx.

Fiorin apresenta ideologia junto à classe dominante quando diz que

[...] ideologia [...] é uma visão de mudança e há tantas visões de mundo numa dada formação social quantas forem as classes dominantes (sendo que) cada uma das visões de mundo apresenta-se num discurso próprio. [...] Há ainda uma coisa muito importante que não devemos esquecer. Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia é da classe dominante (1988, p. 9-31).

Diante disso, poderíamos destacar que o poder ideológico nas tiras da Mafalda faz-se presente em diversos momentos, visto que os pais e os amigos da menina acabam reproduzindo as concepções e as normas de conduta da classe dominante que lhes foram impostas, como demonstraremos mais adiante com a análise de algumas tiras.

Outro pensador que postulou sobre ideologia foi Pêcheux (1995). Sob a influência dos conceitos de Althusser, o autor afirma que a ideologia gera uma relação

língua-discurso-ideologia, uma vez que se materializa no discurso por meio da língua. O pensador ainda alegou que não há discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia. A partir dos anos 80, aproximou-se das ideias dos historiadores da Nova Era (Jacques Legoff e Pierre Nova) e da Psicanálise de Lacan, reformulando seus conceitos e aproximando-se do de Foucault, a respeito de formação discursiva e dos estudos russos de Voloshinov e de Medvedev sobre heterogeneidade discursiva e alteridade.

Corroborando as ideias marxistas, Bakhtin & Medvedev (2003), ao postularem sobre ideologia, compreendida como dominante, referem que ela é construída na interação social com as condições de produção. Nesse sentido, há uma estreita relação entre linguagem e ideologia, visto que é por meio da (e na) linguagem que a ideologia se materializa. Assim, todo comportamento linguístico pressupõe uma intenção, que se dá a partir de uma posição ideológica.

Bakhtin & Voloshinov (1992, p. 96) consideram que é impossível separar a ideologia da língua: “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida”. Nessa perspectiva, compreende-se que é através da língua que se estabelecem a cultura, a religião e a organização política de uma sociedade. A ideologia é construída na vida cotidiana e interpretada pela força dos pontos de vista exercidos na vida social dos sujeitos.

5. Identidade

Emília Pedro declara que é a subjetividade junto de suas dimensões que define a identidade do sujeito, uma vez que

A formação do sujeito toma lugar dentro de uma rede de indicadores que estão associados a uma série de categorias biológica, social e cultural como idade, gênero, etnicidade e classe. De fato, a diferentes dimensões do indivíduo, ambas objetivas e subjetivas, ambas sociais e culturais, parecem ser aspectos irredutíveis de seu/sua identidade (1997, p. 157).

A partir dessa concepção, nota-se que o desenvolvimento dos gêneros e a construção da identidade são produzidos no discurso e pelas relações culturais e sociais que acontecem desde o momento do nascimento do indivíduo. Portanto, é de suma importância o papel da família na formação discursiva e da identidade, uma vez que é nesse meio que a criança inicia suas relações socioculturais e desenvolve o diálogo entre as gerações.

A construção da identidade de determinado sujeito, seja ele homem ou mulher, começa pelo reconhecimento de si mesmo e não deve ser limitada e predefinida pelo gênero, mas híbrida e inconstante, uma vez que adota traços pessoais, culturais e contextuais. Segundo o antropólogo Roberto da Matta,

De todos os seres vivos, o homem é o único que tem a obrigação de fazer-se a si mesmo, de construir-se, de constantemente perguntar quem é, e qual o sentido da vida. [...] O homem tem de lutar pela vida, como todos os outros seres vivos, mas só pode realizar essa luta se sabe quem é: se tem identidade. Os animais não mudam [...]. Mas nós, humanos, vivemos a nossa sociedade e o nosso tempo. Somos acima de tudo maleáveis [...]. Por isso, precisamos de valores que nos definam e nos orientem. [...] Todos os homens têm uma identidade que recebem dos diversos grupos em que vivem. E cada sociedade busca fora e, sobretudo, dentro de si mesma, (na sua fantasia, nos seus mitos e ritos, crenças e valores) as fontes de sua identidade (1996, p. 35).

Nessa perspectiva, frente às questões do passado, a repressão da mulher foi liberta pela noção de independência da atualidade. Assim, a mulher constrói sua identidade através de um processo que se sobrepôs a diversos segmentos na sociedade, conquistando um grande espaço que não se limita à submissão masculina, que a enxerga apenas como mãe e doméstica. No entanto, aparenta estar cada vez mais presa às questões de estética do corpo, fator que as tornam, em grande parte, distantes dos problemas complexos da sociedade.

Na delimitação do *corpus* de nossa análise, é possível observar como se dá o diálogo entre duas gerações e a constituição da identidade das personagens nas tiras da Mafalda a partir do confronto de valores e estereótipos que ocorrem em determinado contexto.

6. A construção social da identidade feminina

Um dos estudos sobre grupos humanos, especificamente o de gênero feminino, tem se destacado entre as pesquisas interdisciplinares e interculturais, discutindo sobre o papel da mulher na relação da família, embora sejam poucos os registros sobre sua identidade, uma vez que as mulheres tiveram suas vozes silenciadas ao longo da história da humanidade.

Com a globalização, os sujeitos são influenciados por inúmeras transformações políticas e culturais que inovam a estrutura de vida de homens e de mulheres, independentemente de condições socioeconômicas. Em decorrência dessas transformações que modificam aspectos da intimidade dos sujeitos e o modo de ser de cada um deles, surgem as dificuldades para se definir identidade, em particular, para o

gênero feminino, devido ao seu descompasso em relação à evolução. Essa construção social da identidade feminina é resultante de vivências culturais e de momentos históricos específicos, que influenciam na sua maneira de pensar e de agir.

Ao longo da história da humanidade, diversos períodos marcaram intensamente a construção da identidade, como, por exemplo, a valorização espiritual na Idade Média, a descoberta dos valores humanos no Renascimento, a valorização intelectual no Iluminismo, entre outros, os quais foram de suma importância para a construção da identidade.

Devido a certos tabus inseridos no discurso, que são muito mais intensos com relação ao gênero feminino, por sua suposta natureza frágil e dependente, têm-se construído uma identidade feminina reprimida pelos cuidados morais da sociedade. No decorrer da história, os papéis atribuídos aos indivíduos de cada gênero contribuíram para a competição de poder. Sobre essa competição, Hofstede declara que

Encontramos uma tendência comum na maior parte das sociedades, modernas ou tradicionais, no que diz respeito à distribuição dos papéis sociais segundo o sexo. Os homens devem estar ligados a atividades exteriores ao lar: à caça e à guerra nas sociedades tradicionais e o equivalente, traduzindo em termos econômicos nas nossas sociedades modernas. Resumindo, os homens devem ser firmes, competitivos e duros. As mulheres devem tratar do lar e das crianças, dos outros e em geral: devem adotar os papéis 'ternos'. A origem desta distribuição não é fácil de imaginar: as mulheres davam à luz suas crianças, alimentavam-nas e eram, portanto obrigadas a permanecer perto delas durante algum tempo. Os homens tinham mais liberdade de movimento, sempre que tinham de proteger as mulheres e os filhos de ataques exteriores (1991, p. 101).

De certa forma, mesmo existindo um desejo de resistência, há um determinismo histórico-cultural na construção dos papéis sexuais, que interfere na mudança social referente à identidade feminina.

Responsabilizando as mulheres pelos cuidados domésticos e familiares, a sociedade moderna reforça, inconscientemente, a filosofia rousseauiana, fazendo-as descartar a necessidade de letramento e aumentando a diferença entre homens e mulheres. No entanto, essa realidade tem sido modificada com o passar do tempo no que diz respeito à ascensão da mulher e à distribuição dos gêneros nas profissões.

Visto que é na base familiar que a identidade de gênero é construída, a divisão de papéis entre os pais reflete os valores e as crenças familiares, e cada família possui regras e valores próprios. No entanto, há uma linearidade oculta que é tida como comum na prática pedagógica familiar ocidental, uma vez que as meninas ganham brinquedos que as incentivam ao aprendizado doméstico e maternal. Os meninos, por sua vez,

aprendem a conter os seus sentimentos, revidar ataques externos e atentar sexualmente ao sexo oposto. Sendo assim, no que diz respeito à construção da identidade de gênero, sua construção se dá no contexto social e no comportamento aprendido com a família e com demais instituições sociais. A esse respeito, Emília Pedro compreende a formação da identidade devido a

Uma tarefa realizada pelo sujeito juntamente com outros sujeitos, tais como pais, professores, amigos e parentes. Identidade, então, também implica trabalho, exatamente como o trabalho artístico é produto de práticas criativas. Mas de modo diferente da maioria dos trabalhos de arte, a identidade nunca está completa (1997, p. 160).

Pode-se compreender que o mundo social constrói a realidade sexual e impõe seus princípios sexuais. Assim, devemos distinguir conceitos entre sexo e gênero, uma vez que, distintamente do sexo, o gênero é um produto social representado ao longo de gerações com o qual cada um de nós se identificou, já que existe a questão de identidade em jogo. Dessa forma, enquanto o sexo é biologicamente determinado, o gênero é socialmente construído em cada sociedade, superando os estereótipos atribuídos aos papéis.

Construída em processo contínuo, a identidade de hoje não é constituída pelas características identitárias de ontem, mas é socialmente construída pelas práticas discursivas, que são produtos da cultura que as construíram. Assim, a identidade feminina é produto social e reflexo do olhar do outro, sendo definida pelo discurso de seu interlocutor, que ainda herda uma visão de que ao gênero feminino cabe uma posição inferior na organização social.

Nas tiras da Mafalda, Quino apresenta essa dicotomia dos gêneros de modo direto e indireto, pois a crítica do autor muitas vezes aparece de forma cômica, através de recursos próprios do gênero *tira*.

7. As tiras da Mafalda

Mafalda surgiu na década de 1960, pelas mãos do argentino Joaquim Salvador Lavado, o Quino, como projeto publicitário para uma agência de Buenos Aires. Porém, o projeto não foi aceito e os desenhos de Quino foram arquivados até que o desenhista foi solicitado para colaboração de um jornal. A estreia de Mafalda foi o começo de uma história de sucesso. Assim, ocorreu uma explosão de popularidade que ultrapassou os limites argentinos, chegando a diversos países: publicações em jornais, edições de livros

com as tiras reunidas, pôsteres, cadernos, papel de carta, desenhos animados, filme em longa metragem etc.

No que diz respeito ao gênero *tira*, Mafalda é uma das personagens mais populares. Sua importância se dá pelo fato de retratar não apenas seu país de origem, a Argentina, mas a própria América Latina. A menina aparece como contestadora da paz mundial e da sociedade, e um de seus questionamentos mais fortes refere-se ao papel feminino exercido naquele período. Nas tirinhas de Mafalda, é recorrente a crítica ao lugar tradicionalista reservado às mulheres. Ela representa a mulher que nasce naquele período e que almeja mais do que o confinamento ao lar, diferentemente de sua mãe, Raquel, e de sua melhor amiga, Susanita, cujos objetivos maiores são o de serem mães e esposas.

Podemos definir Mafalda como uma personagem contestadora da década de 1960, que recusa o mundo tal como ele é, ou seja, repleto de contrastes sociais. Portanto, Mafalda vive em constante dialética com o mundo adulto, na busca pelo direito de ser uma menina que não quer se submeter ao universo adulto que a cerca. Cabe ressaltar que Mafalda está inserida em um contexto que é compreendido, aproximadamente, entre as décadas de 1960 e 1970, período de diversos conflitos, mudanças e questionamentos em torno dos valores vigentes.

Nesse período, a sociedade latino-americana cultivava a visão de que o único papel possível para uma mulher seria o tradicional: estar cercada de filhos, de um bom marido, repleta de afazeres domésticos e tendo o cuidado com uma boa aparência. Essa visão da mulher é herança de uma construção histórica que esteve, durante muito tempo, inscrita na subjetividade feminina como sua única alternativa. Convencidas disso, as mulheres não pensavam em outras possibilidades, aceitando “satisfeitas” a dominação masculina e o confinamento ao lar. A maternidade, considerada função feminina que não necessita de habilidades especiais, não era considerada trabalho; logo, não merecia compensação. A atividade doméstica, em comparação à masculina, a qual se dizia necessitar de inteligência e esforço, era vista como inferior e improdutiva.

Apesar de todas as mudanças que ocorriam na época, a construção da identidade estava quase que totalmente ligada à coletividade, e participar de um grupo social significava aderir às normas desse grupo e aos seus discursos. No tocante à obra, há dois tipos de pertencimento: um deles é representado por Mafalda, ávida por mudanças socioculturais; o outro é representado por Raquel (mãe de Mafalda), que é exemplo de

mulher submissa, e por Susanita (amiga de Mafalda), não muito diferente de Raquel, a qual almeja casar, ter muitos filhos e, como desejo de prosperidade, ter muitos vestidos, boa aparência e *status* social.

Os pais de Mafalda representam o modelo burguês de conformismo: a mãe é uma dona de casa que não prosseguiu com os estudos e, o pai, funcionário de um escritório, cujo principal passatempo é cuidar de plantas. A mãe de Mafalda é vista pela menina como o modelo de mulher que Mafalda não quer copiar, pois a considera medíocre e sem ambição, uma vez que largou os estudos e uma possível carreira de pianista, ficando presa às atividades domésticas.

A instituição da família sempre tenta impor verdades e saberes à Mafalda. No entanto, desprezando esse modelo, a menina planeja ter uma vida diferente: estudar e compreender melhor o mundo, falar vários idiomas e trabalhar como intérprete na ONU. Sobre essa relação familiar, é possível perceber que Mafalda não se deixa influenciar pela formação materna na construção de sua identidade. Assim, tanto uma formação ideológica e discursiva como uma identidade feminina distinta da sua mãe se dão através de mediadores paralelos ao familiar. Entre esses, estão a televisão, o rádio e os amigos (como Liberdade e sua mãe).

Susanita, a melhor amiga de Mafalda, é justamente seu oposto, pois não quer saber do mundo a sua volta, não se interessa por política, pela pobreza e por outros assuntos socioeconômicos. Está inserida em um limite particular, preocupando-se apenas com coisas que Mafalda considera futilidades: a aparência e o *status* social. Seu desejo é o de seguir o modelo tradicionalista ditado pela sociedade e suas maiores ambições são tornar-se mãe, esposa e ter muitos vestidos. Gosta tanto de repetir aos amigos como será seu futuro maravilhoso de mulher bem casada, pertencente à elite e, principalmente, como será maravilhoso ter um filho médico, que isso acaba importunando os colegas, principalmente sua amiga Mafalda. Além disso, a menina, também, em muitos momentos, despreza Mafalda, devido à alta condição social que sua família ocupa.

Enquanto Susanita e Raquel são representações do modelo burguês feminino tradicionalista vigente no período (acomodadas, de visão restrita, que sonham com uma vida de riqueza, felicidade e alta posição social), Mafalda vem quebrar essa visão de que a realização feminina se daria necessariamente pela via da maternidade e do casamento. Ela mostra que não precisa ser assim e simboliza a existência de mais possibilidades de

realização do que a sociedade da época parece impor – havia um leque extenso do qual as mulheres deveriam se apropriar. Não se trata, porém, de uma crítica à maternidade em si ou ao trabalho doméstico, mas a uma visão limitada de que seriam os papéis de mãe e esposa as únicas vias possíveis para a realização feminina.

Apesar de ser apenas uma criança em fase pré-escolar, Quino apresenta Mafalda mais lúcida do que os adultos a sua volta, pois a menina questiona o mundo que a cerca e preocupa-se com os conflitos vigentes no período, com as desigualdades sociais, com a política e a com ditadura de seu país, a Argentina. Além disso, ela critica, também, as ditaduras vigentes nos demais países latino-americanos, que são muito semelhantes no que diz respeito à opressão, à censura, à brutalidade, ao irracionalismo e a tantos outros pontos em comum que regem regimes autoritários. Ou seja, há um rompimento com os padrões preestabelecidos por meio do qual se constata que há uma inversão de papéis, quando o que se espera é uma imposição hierárquica de valores e verdades.

Junto a mais duas personagens femininas, Liberdade e sua mãe, que trabalha como tradutora, a menina reforça a ideia dessa nova mulher que não se limita ao destino imposto pela sociedade, uma vez que se contrapõe ao modelo social feminino seguido por sua mãe. Mostra, assim, uma nova identidade de mulher, a qual coloca o sujeito diante de uma multiplicidade de escolhas e de oportunidades nunca antes vista, possibilitando uma relação social que interage com o desejo e com a liberdade de ser de cada um.

As tiras da Mafalda são obras de arte produzidas no século XX, nas quais são elaboradas hipóteses sobre o real à luz das ciências sociais. Para Adorno (1986), a arte moderna, nesse caso, as tiras da Mafalda, caracterizam-se pela não aceitação das tentativas de introdução dos parâmetros socialmente determinados. Assim, rejeitam-se modelos políticos e éticos que possam determinar sua ideologia. Adorno afirma que

A obra artística tem uma relação mediata com a realidade histórico-social em que foi produzida. [...] Como momento particular e, portanto, qualitativamente diferenciado do todo, ela não fica reduzida a reafirmá-lo no que tem de mais geral, mas é sua negação. Mas não é negação formal, externa, e sim negação plena de conteúdo social (1986, p. 20).

A partir dos enunciados e elementos típicos do gênero *tira*, Quino apresentou a constituição das representações femininas na interação verbal das personagens, como nos jogos do dito e do não dito, nos quais construiu críticas sobre a realidade

sociocultural da época e eternizou um momento de conflito ideológico entre indivíduos da mesma geração e de gerações distintas.

Com base nos postulados supracitados, será exposto o *corpus* em questão e sua análise. Nessa pesquisa, propõe-se um olhar interativo sobre os aspectos semântico-discursivos relacionados à produção do efeito humorístico na construção de sentido e da identidade feminina nas tiras da Mafalda. Essa pesquisa será subsidiada pelo aporte teórico da Análise do Discurso, que possibilita um novo olhar para os processos discursivos que sustentam o texto. Para que haja a análise do *corpus* sob a perspectiva teórica supracitada, é necessário ir além da materialidade linguística e buscar a sua compreensão na exterioridade do texto propriamente dito, associando-o ao espaço sócio-histórico e ideológico em que foram produzidos os discursos e as identidades.

8. Análise do *corpus*

O *corpus* delimitado é composto por tiras da personagem Mafalda, desenhadas pelo cartunista argentino Quino. Essas tiras foram publicadas nas décadas de 1960 e 1970 – período da ditadura militar na Argentina – e tratam de assuntos que têm uma relação intrínseca com os fatos ocorridos naquele momento histórico, entre eles a mulher em novo contexto sócio-histórico e cultural em paralelo ao machismo vigente no meio social, inclusive familiar. Assim, as tiras da Mafalda são carregadas de mensagens ideológicas dessa época, e analisá-las nos oportuniza a revelação de valores, conceitos e conflitos de uma sociedade, através de imagens e textos que compõem as tiras.

A partir de alguns recursos próprios do gênero *tira*, dar-se-á início à análise semântico-discursiva sobre a construção de sentido e a identidade feminina, elementos presentes no discurso de algumas personagens femininas da turma da Mafalda, com base na leitura das tiras destacadas na sequência.

Figura 1: O fluxograma.



Fonte: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br>. Acesso em agosto de 2012.

A figura 1 destaca uma comunicação estabelecida através de um diálogo entre Mafalda e sua melhor amiga, Susanita. Nesse diálogo, são apresentados, mais uma vez, posicionamentos ideológicos distintos entre as personagens que interagem através da comunicação verbal face a face.

No primeiro quadro da tira, o diálogo é iniciado pela fala de Susanita, que conta à Mafalda seus planos para o futuro: casar e ter filhos. No segundo quadro, Susanita completa seu pensamento, dizendo que também vai comprar casa grande, carro bonito, jóias e vai ter muitos netos. No terceiro quadro, a menina finaliza seu pensamento, dizendo que assim será sua vida e questiona sobre a opinião de Mafalda acerca desses planos. Mafalda, que até então apenas ouvia o que era dito pela amiga, expressa sua opinião contestadora ao discurso da amiga e responde ao questionamento de Susanita dizendo que isso é lindo, porém, tem um defeito. No último quadro, através da mudança de sua expressão facial, Susanita demonstra espanto ao ouvir que Mafalda viu um defeito em seus planos de vida programada e “tão perfeita”. Mafalda, por sua vez, deixa claro que, para ela, o que Susanita almeja para o futuro não é exatamente futuro, mas um fluxograma, ou seja, um esquema de um processo natural para Susanita, que corresponde a um processo de reprodução de um modelo de vida alinhado a uma formação discursiva que reflete a ideologia da classe dominante.

Nessa tira, os discursos das personagens mostram o conflito de ideologias, no qual a construção da identidade feminina se dá de maneiras distintas, ou seja, os sujeitos, como construtores sociais, interagem entre si e expõem suas visões de mundo. Mafalda considera o fato de um investimento intelectual e almeja um futuro repleto de cultura, enquanto Susanita é desenhada, na narrativa da tira, como uma menina fútil, que sonha com um futuro repleto de riquezas materiais.

Mafalda, por sua vez, mostra-se inconformada com a trajetória de vida almejada pela amiga, visto que seus planos seguem um esquema arquitetado para ser o mesmo de algo já recorrente: figurar como padrão de vida pela conformidade da posição de um sujeito que corresponde aos apelos de uma ideologia de base masculina e capitalista alucinante. São, assim, um modelo de submissão feminina imposto pela sociedade que determina as regras da conduta comportamental.

Mafalda caracteriza-se como uma nova representação feminina e dá vida a uma nova formação discursiva como base para a formação de uma identidade de mulher que objetiva discutir sobre problemas sócio-políticos e culturais, além de buscar

revolucionar o próprio papel da mulher na sociedade em que vive. Ao mesmo tempo, impõe uma nova visão de mundo, nova conduta e nova forma de vida para o gênero feminino da sociedade contemporânea que representa: a pós-modernidade. Esse confronto de ideias que se encontram nos discursos de Mafalda revelam uma crítica à submissão feminina da sociedade vigente, mesmo que caracterizem o efeito humorístico da tira.

O sentido dos discursos existentes nessa tira vai além da estrutura interna do texto, visto que o encontramos na sociedade em que o indivíduo está inserido, enquanto sujeito de uma classe social, que fala de lugares sociais em que permeiam formações discursivas. Nesse sentido, assim como Raquel, mãe de Mafalda, Susanita é alheia aos problemas do mundo e aceita a condição de submissão ao machismo. Mafalda, indignada com a posição de Susanita, mostra seu repúdio pela futilidade feminina e representa o surgimento de uma nova mulher, contestadora e crítica, contra a hierarquia machista e a visão da mulher burguesa diante da sociedade.

A formação discursiva por trás da identidade das personagens de Quino se dá no meio das relações socioculturais. No entanto, são formações distintas, pois Susanita, mesmo sendo criança, já reproduz determinadas normas de conduta que são o instrumento de dominação da ideologia e provenientes da classe dominante, tais como traços de futilidade e o pensamento machista de submissão feminina. Essas regras e comportamentos são criticados por Mafalda, que põe os conflitos da sociedade em questionamento.

Vejamos a seguinte tira:

Figura 2: O sonho de Mafalda.



Fonte: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br>. Acesso em agosto de 2012.

Na figura 2, Mafalda representa o resultado de uma expansão feminista que luta contra a hierarquia machista. Nessa tira, mais especificamente no primeiro quadro, Mafalda aparece dormindo e sonha com sua mãe em um momento de emancipação sociocultural, em que ela se aproxima com um diploma na mão, dizendo que a menina não é mais filha de uma mulher medíocre. Essa é, portanto, a imagem que a menina tem de sua mãe por ela ter abandonado os estudos e se dedicado, exclusivamente, à família. A resposta de Mafalda se dá através de uma exclamação em pensamento, acompanhada da expressão facial da personagem ao demonstrar surpresa pelo que a mãe enunciou em seu sonho, no segundo quadro, quando Raquel completa seu enunciado dizendo que fez faculdade e tirou o diploma. Mafalda demonstra satisfação com o ocorrido, sorrindo e abraçando a mãe. No terceiro quadro, a menina acorda e corre em direção ao quarto da mãe, contando acerca do sonho que teve. Nesse instante, Mafalda se depara com a realidade, verificando que sua mãe continua sendo a de sempre: preocupada com a estética e conformada com sua limitação social ao ambiente doméstico. No último quadro, a menina aparece em lágrimas, encarando sua mãe, que nada entende e não imagina o que se passa com a filha. Esta verifica que o diploma, objeto de valor no seu sonho, está distante de se tornar real, visto que Raquel o substituiu por um pente, adereço de beleza, de estética, do cuidado do corpo; o objeto faz parte das “técnicas do cuidado de si”¹ (FOUCAULT, 1995; 1997; 2002). Como resposta ao que está acontecendo, Raquel tem sua voz silenciada e Mafalda apenas paralisa-se em pensamento, refletindo acerca do distanciamento que separa essas duas gerações, percebendo que não há possibilidade de entendimento entre ela e sua mãe.

A construção de identidade nessa tira se dá não somente pelas características físicas das personagens ou pelos discursos carregados de ideologia das mesmas, mas, também, pelos objetos agregados à sua imagem. Assim, à Raquel estão agregados acessórios e produtos estéticos, além dos objetos usados na atividade doméstica, os quais enfatizam o papel da mãe de Mafalda como submissa à sociedade em que vive, o que constitui um recurso bastante eficaz na intenção de Quino de promover os sentidos que atribuímos na leitura da tira. Raquel limita-se a observar o olhar da filha, manifestando uma indagação silenciosa através do símbolo de interrogação.

¹ Procedimentos que existem em toda civilização e que são prescritos ao indivíduo para fixar sua identidade, “mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou do conhecimento de si por si” (FOUCAULT, 1997, p. 109).

A partir da relação sujeito-ideologia, podemos observar que os discursos de Mafalda e o silêncio (ORLANDI, 2007) de sua mãe representam o conflito existente na formação da identidade feminina da sociedade em que foram produzidos. O discurso da primeira se apoia na formação discursiva de uma mulher liberal que busca a igualdade entre os sexos e não admite submissão feminina; a segunda, por sua vez, tem um discurso de mulher submissa à sociedade machista, às questões estéticas e domésticas, sendo, assim, conformada com sua situação. O discurso de Raquel se apoia em uma formação discursiva determinada em tempo e espaço não aceitos por Mafalda.

O efeito humorístico da tira se dá pelo confronto ideológico, que revela uma crítica à submissão feminina imposta pela sociedade. Para perceber esse efeito, é necessário integrar aspectos multimodais, linguagem verbal e não verbal, além de relacioná-los ao contexto histórico da época em que a tira é produzida.

Conforme o que foi observado, as personagens femininas das tiras de Mafalda apresentam formações discursivas atreladas a formações ideológicas distintas. Os elementos verbais e não verbais contribuíram para a instauração dos sentidos pretendidos pelo produtor da tira, aspectos que não são visíveis a todos os leitores e podem gerar variadas interpretações, de acordo com a formação discursiva e o conhecimento de mundo de cada um dos leitores de Quino. Somos conscientes da identidade diversa dos leitores das tiras destacadas para a análise desse estudo, algumas próximas e outras distantes da ideologia assumida pela personagem Mafalda. Esta é um sujeito mulher, de identidade feminina explicitamente a frente do seu tempo, o que se demonstrou por meio do confronto realizado com as outras formações discursivas das personagens que compõem as narrativas destacadas.

Cabe enfatizar que a construção de sentidos nas tiras analisadas deu-se a partir da relação entre o texto verbal e o não verbal, a qual induz o leitor a construir esse sentido através de estratégias discursivas que produzem diferentes efeitos de objetividade e subjetividade. O sujeito discursivo revela, a cada discurso, características de sua identidade, criando sentidos e dando significado às coisas. Assim, o discurso da Mafalda, conforme seu posicionamento ideológico, silencia a voz de sua mãe, uma vez que nega a ideologia representada por Raquel. A revolta da personagem Mafalda com o estado de posição de sujeito de sua mãe é retomado, com frequência, nos discursos de outras tiras, produzindo efeitos de sentido que corroboram a posição discursiva assumida pela personagem de Quino.

9. Considerações finais

Em nossa análise, entendemos que as tiras da Mafalda têm por objetivo causar o riso, mas, mais que isso, esperam despertar o leitor para críticas sobre assuntos que permeiam a sociedade da época em que foram produzidas. Essas críticas são contextualizadas à realidade que se apropria de conceitos e valores imaginários que existem na relação entre o produtor e o leitor das tiras. Por essa razão, foi necessário analisar como se deu a construção da identidade feminina e sua relação com a sociedade que a cerca.

Percebemos a riqueza dos textos de Quino e defendemos a ideia de que interpretá-los não deve limitar-se a uma decodificação meramente linguística; deve-se buscar o significado construído pelas personagens através dos elementos extralinguísticos implícitos e/ou explícitos no texto, isto é, analisar os discursos buscando o quê, o como e o porquê do dizer das personagens referente ao contexto social em que se insere.

A partir das discussões feitas durante o trabalho de análise das tiras da Mafalda, pode-se concluir, inicialmente, que o gênero *tira* espera do interlocutor uma tomada de reflexão acerca dos problemas sócio-históricos e culturais nos quais estamos todos imersos. No que diz respeito à construção da identidade feminina nas tiras analisadas, os valores agregados às mulheres nos remetem aos diversos papéis femininos existentes em nossa sociedade.

Acreditamos que as tiras contêm propriedades justificáveis que as tornam importantes para estudar suas relações discursivas, pois há uma relação de discursos entrecruzados e, nesses discursos, coexistem diversas vozes, o que foi destacado durante o desenvolvimento da história das tiras analisadas. Verificamos que, em seu desenvolvimento, foram impostas diversas críticas sociais, ora explícitas, ora implícitas, as quais causam o efeito humorístico. O caráter dialógico da linguagem no gênero *tira* foi observado através da relação que há entre o código verbal e o código não-verbal.

Como uma pesquisa acadêmica é um estudo inacabado, uma vez que as hipóteses apresentadas podem e devem ser retomadas e reformuladas em estudos posteriores, é de suma importância que nossa análise seja observada enquanto mais um enunciado na cadeia enunciativa na qual pretende figurar, inserida nas contínuas discussões que focalizam as mudanças sócio-históricas e culturais e sobre as quais a Linguística e a Análise do Discurso vêm se interessando.

Referências

- ADORNO, Theodor W et al. *Teoria da cultura de massa*. Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. São Paulo: Rumo, 1970.
- BAKHTIN, M. M. (MEDVEDEV, V.). Os gêneros do discurso. In:____. *Estética da criação verbal*. (1979). Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ____; (VOLOCHINOV, V. N). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 6 ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2004.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2 ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- ____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul Rabino. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ____. *Resumo dos cursos do Collège de France 1970-1982*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- ____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. RJ: Edições Graal, 2002.
- ____. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- HOFSTEDE, G. *Culturas e organizações: compreender a nossa programação mental*. Lisboa: Ed. Silabo, 1991.
- LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. 20 ed. São Paulo: Ática, 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Ideologia Alemã*. Lisboa: Editorial Presença, 1965.
- MATTA, Roberto da. *Torre de Babel: ensaios, crônicas, críticas, interpretações e fantasias*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

____. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1988.

____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. Ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi (et al.). 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995.

PEDRO, Emília. Ribeiro. The unbearable lightness of being. In: _____. (Org.). *Discourse Analysis Proceedings of the 1st International Conference On Discourse Analysis*. Lisboa: Edições Colibri, 1997.